

Meu Lugar na UFRGS

FLÁVIO DUTRA/JU



Sociologia como missão

Ao entrar na sala 206 do Instituto de Psicologia da UFRGS, Vera Maria Américo Lacerda percebeu imediatamente algumas mudanças: a presença do projetor mirando uma tela branca em frente ao quadro negro e um exuberante ar-condicionado na parede lateral. Na sua época, só existiam ventiladores. “Usei muito giz, depois trabalhávamos a partir de textos xerocados.” Aposentada desde 2006, a professora que ingressou na Universidade em 1.º de março de 1977 ministrava a disciplina de Introdução à Sociologia para todos os cursos de graduação naquele prédio, então conhecido como Ciclo Básico.

Ela conta que dar aula significou uma grande conquista: “Porque é um sonho de todo mundo ser professor na Universidade Federal, e continua sendo”. Vera diz que começou substituindo uma colega que estava em licença de saúde. “Ela foi transferida para outro setor, e acabei assumindo essa disciplina. Fiquei muito feliz. E, ao cabo de seis meses, já estava definitivamente empregada na UFRGS pelos meus méritos.”

A docente aposentada relata que era jovem e teve de lidar com o nervosismo no início, pois estava no lugar de alguém bem mais experiente. “Os primeiros dias foram muito difíceis porque tinha que estudar bastante, preparar o programa. Suava da cabeça aos pés, com aquele frio na barriga de enfrentar 30, 40, às vezes 50 alunos.” As turmas de Enfermagem, por exemplo, eram as maiores, conforme narra Vera.

Da sua trajetória, ela se orgulha de não ter faltado um único dia de trabalho. “Naquele semestre, fiquei grávida do meu terceiro filho. Quando voltei das férias de julho, já estava bem barriguda.” Sabendo das dificuldades do departamento, propôs ao seu chefe retornar a lecionar assim que ela tivesse com quem deixar o bebê. “E foi o que eu fiz. Quando minha filha tinha 22 dias, voltei a trabalhar com a maior alegria, mesmo amamentando”, destaca, acrescentando que pediu a compreensão dos alunos para algum atraso, mas jamais ausência.

A professora já morava no Bairro Cristal, onde reside até hoje. Certa vez, bateu o carro em frente ao estádio Beira-rio, deixou o automóvel encostado à calçada, chamou um táxi e depois da aula é que foi resolver a remoção para uma oficina. “Acho que trabalho é compromisso, assumimos e temos que ir até o fim. Eu vim pra cá com febre, dor no estômago, com diarreia, com ânsia de vômito, tomando remédios, mas eu vim”, ressalta.

Vera Lacerda contabiliza muitas satisfações e algumas mágoas durante cerca de três décadas nas salas do extinto Ciclo Básico. Inicialmente, a disciplina sob sua responsabilidade era obrigatória para todos os cursos e, por volta

de 1997, se tornou eletiva para algumas graduações. “Os anos foram transcorrendo e tive bons alunos, alunos medíocres e alguns que não davam a mínima, simplesmente conversavam outras coisas, faziam piquenique ou respondiam presença e iam embora. Assim foi durante muitos anos, até que um dia – eu já devia ter uns 20 anos lecionando – cheguei e disse: ‘Olha, vamos fazer o seguinte: quem está a fim de aprender Sociologia fica em aula, quem não está a fim, responde a chamada e vai embora, para não atrapalhar os demais que querem aprender’. Para as provas, estudavam ou rodavam. Muitos foram reprovados por causa disso.”

A professora lembra que tinha predileção por alunos questionadores e que sempre primou por aulas dinâmicas, à procura de respostas para as questões sociais importantes que o Brasil enfrentava. “Sinto-me gratificada por tudo isso. Missão cumprida. Despertei em muitas cabeças a paixão pelas Ciências Sociais, pois a Universidade não é privilégio só das Ciências Médicas e das áreas tecnológicas ou das Ciências Exatas”, exalta em tom de crítica. “Trabalhei com muita satisfação com centenas e centenas de alunos de vários cursos. Eu tive aluno de Matemática, de Relações Internacionais, de Geografia, de Física, de todas as áreas do conhecimento. Meu lugar é o de quem contribuiu pra formação de muitas gerações; pra compreensão da vida em grupo, da vida em sociedade.”

Assim, recorda de alguns nomes célebres que passaram pela sua disciplina. Mas uma dessas histórias é especial. Entre os orgulhos de Vera Lacerda está o fato de seus três filhos terem se formado na UFRGS. A terceira filha, aquela que teve de dividir as mamadas com as aulas de Sociologia, se graduou em Medicina e durante a residência em Medicina Comunitária no Hospital Conceição, em 2002, teve como professor o médico Francisco Jorge Arsego Quadros de Oliveira, que foi aluno da sua mãe. “Eu participei da formação dele, e ele depois participou da formação da minha filha. São coisas que devem ter ocorrido dezenas de vezes dentro da Universidade, com outros professores, com outros alunos, cujas histórias aconteceram aqui dentro dos câmpus”, conclui satisfeita.

Caroline da Silva

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, a partir das 20h10min.

Perfil

Combate como herança

Enrique Serra Padrós Ainda com leve sotaque, professor nascido no Uruguai narra a sua própria história

Caroline da Silva

Informalidade é uma palavra associada ao professor de História Enrique Serra Padrós. Sua alegria é o reconhecimento dos alunos. Nos 19 anos como docente, costuma sempre ser indicado para homenagens. “Das 25 colações de grau que ocorreram nesse período, fui paraninfo em 15. E não visto toga!”

Conhecido por estudar o tema das ditaduras nas Américas Latinas – “Todo ano, em 1.º de abril tenho alguma atividade para participar” –, ele não é o que se poderia chamar de acadêmico padrão. Risonho, cumprimenta a todos pelos corredores. A conversa ocorreu na sala do chefe do Departamento de História, mas ele diz que a “sede” é provisória e afirma contar o tempo para deixar o cargo administrativo. Atualmente, também é vice-coordenador do mestrado em Relações Internacionais.

Família – No convite por telefone para dar a entrevista, ele já avisou que era difícil falar na primeira pessoa. O que de fato ocorreu: narrou a trajetória de seus antepassados como se estivesse dando uma aula de História. O docente é chamado de Padrós, o sobrenome da mãe, porque, pela tradição espanhola, ele é o último no registro: “Foi um trauma por um tempo, na verdade sou Serra Padrós. Alguns colegas que sabem dessa regra, quando me apresentam em alguma banca, até fazem essa menção. Durante muito tempo eu tentei bancar o Enrique Serra Padrós, até que comecei a ter problema na hora das indexações dos artigos”. Esforço justificado pelo estranhamento que causava na própria família: “Final, enquanto meus pais estavam vivos, ele me cobrava: vem cá, mas que história é essa? Fui derrotado, chegou um momento que eu não consegui mais, o ‘Padrós’ ficou automático.”

Pela sua temática de pesquisa, viaja bastante ao Uruguai e à Argentina, países em que retornam as confusões: “Lá eu volto a ser o Serra, o que parece uma coisa meio esquizofrênica. Então, estou abolindo definitivamente o Serra, o que evidentemente não me agrada, mas eu tenho que explicar em tudo que é lugar”.

Outra anedota sobre o professor envolve seu endereço eletrônico, que tem a palavra “Lola” antes do símbolo @. Ele sorri e explica: “Enfim, essas tecnologias de comunicação cumprem um belo papel, mas são tecnologias de controle também. Sempre as combati e até hoje não uso celular. A minha geração teve dificuldade de interagir com essa revolução, e os alunos começaram: ‘E aí professor, não vai ter e-mail, como é que a gente vai se comunicar?’”. Um dia escreveu o seu endereço no quadro da sala de aula. Os estudantes riram e alguns até comentaram que era “e-mail de travéco”.

Na realidade, Lola era a sua avó catalã, da qual mantém uma fotografia em sua sala. “É talvez a pessoa que teve a maior importância na minha formação pessoal. A minha família fugiu, se exilou e ela esteve presa durante três anos por causa da Guerra Civil Espanhola.” Padrós pensou em trocar o e-mail, mas quem o conhece já sabe que o endereço é esse mesmo: “Tem alguns colegas de outros lugares que já me chamam de Lolão, até pelo meu tamanho...”

O avô participava de um partido político. “Eles eram operários e ocupavam fábricas. Foram derrotados, e o meu avô teve de fugir porque era procurado. A minha vó ficou porque tinha três crianças pequenas, e foi presa por causa do marido. Minha mãe tinha 2 anos na época. Sua família passou muita fome, ela teve tuberculose e quase morreu. Depois, conseguiram enviá-la, aos 3 anos e meio, para o sul da França, onde meu avô estava escondido. Era um homem de quem ela quase nem lembrava. E teve de viver sozinha com ele mais uns quatro anos, sem ter contato com a mãe.”

No final de 1938, a maioria dos espanhóis atravessou a fronteira e tentou permanecer na França até o final da Segunda Guerra Mundial, porque imaginavam que a situação em seu país mudaria. “O estado francês tratou muito mal os exilados espanhóis. Não eram bem-vindos em lugar algum. À medida que os filhos cresciam, enfrentaram dificuldades com documentos para poder ter acesso à educação, e aí sim

veio a segunda parte do exílio. Então, decidem vir pra América.” O avô de Padrós tinha como opções o México, o Chile e o Uruguai. Pesou na decisão o fato de haver uma tia morando na região do Prata. Além das três primeiras crianças, depois que o casal se reencontrou, nasceram mais duas meninas de nacionalidade francesa.

Uruguai – “Em 1946 meus avós viajaram com uma mão na frente e outra atrás. Exilados e emigrantes quase que simultaneamente.” Já a família paterna demorou a sair da Espanha. “Eles eram republicanos, mas não ativistas. Para sobreviver durante o período do pós-guerra civil, meu avô fazia contrabando da França para a Espanha, sobretudo de comida. Ele foi preso várias vezes na fronteira.” Permaneceram até 1950, quando estourou a Guerra da Coreia. “Minha avó ficou muito marcada por ter vivido a guerra na Europa. Como se dizia que Franco colaboraria com qualquer guerra contra os comunistas, ela, tendo três filhos homens em idade de serem convocados, decidiu vir para a América também.”

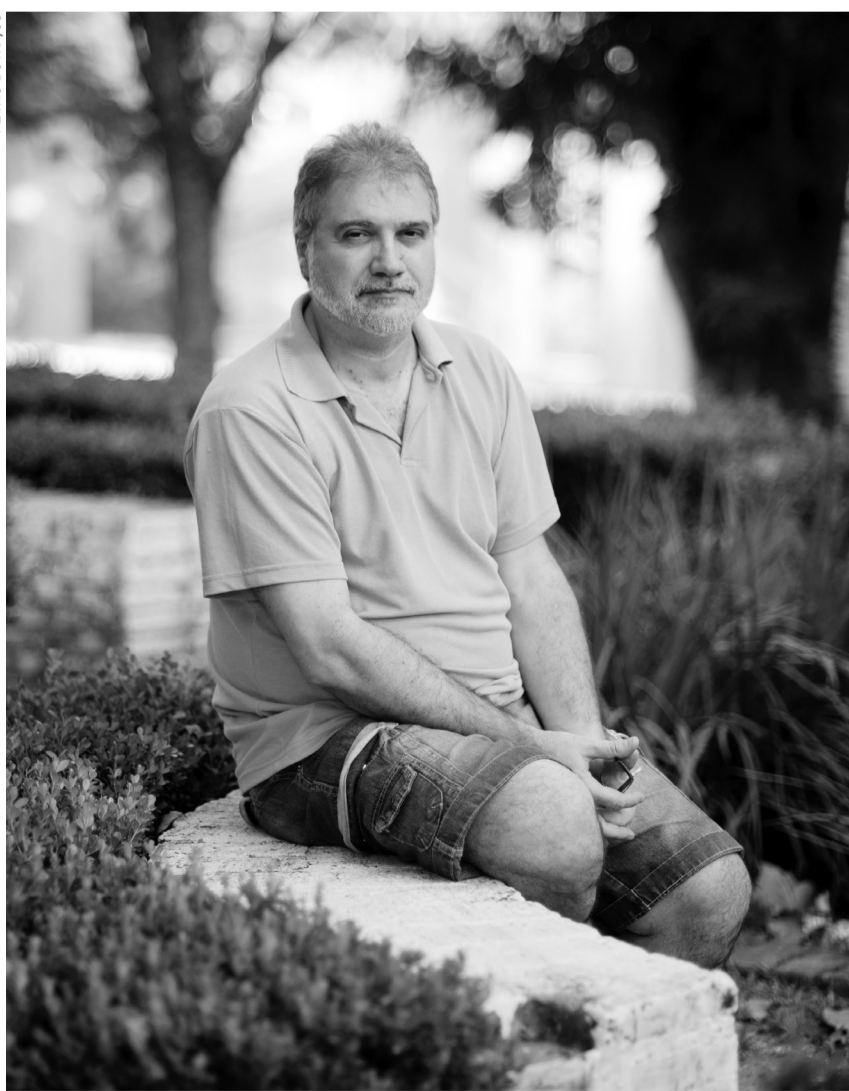
Os pais do pesquisador se conheceram em Montevidéu, mas ambos nasceram em Terrassa, uma cidadezinha pequena que hoje faz parte da Grande Barcelona, – onde incrivelmente moravam a poucas quadras de distância. “Eles se encontraram numa associação de catalães. A minha primeira língua é o catalão, que estou perdendo porque não tenho ninguém pra conversar”, lamenta o professor.

Brasil – Padrós trabalha desde os 16 anos, quando ajudava o pai na confeitaria que tinham no Bairro Partenon – “a partir do meio-dia até quase nove horas da noite, e todo o sábado”. Marceneiro no Uruguai, o desejo do pai do professor era voltar à Espanha: “Mas minha mãe não queria separar-se dos pais”.

Quando se mudou para Porto Alegre, o tio que já morava aqui sugeriu o Parobé. E foi lá que Padrós sofreu seu primeiro episódio de discriminação. Durante a seleção foi informado por um funcionário: “Não temos vagas para brasileiros, muito menos pra estrangeiros”. A memória ainda traz mágoas: “Isso lembro até hoje. Eu era muito magro e bem alto e quase fui pra cima do cara. Minha mãe teve que me conter. Ela também ficou brava, começou a chorar. Sabe? Não precisava, tem que ser respeitoso com as pessoas!”

Ironicamente, Padrós se tornou professor da rede pública: “Fui o quarto classificado num concurso de 40 mil e pude escolher a escola. Escolhi o Parobé”. Em março de 1989 se apresentou na secretaria do colégio e foi muito bem recebido. “Esperei ele me dizer tudo, assinar tudo.” Depois que foi apresentado à direção, disse para o homem: “Olha, agradeço a saudação, porque tenho um trauma com essa escola”. “Professor, qual é o seu trauma?”, perguntou surpreso o funcionário. Então o pesquisador contou o que tinha acontecido anos atrás. E o cara: “Mas não acredito”. “E foi o senhor quem fez isso”, argumentou. Tive o prazer de voltar para dar aula na escola em que, por alguma bobagem, não pude estudar”, lembra, completando que sua melhor experiência em sala de aula foi numa escola da grande Vila Cruzeiro.

Apesar das ótimas oportunidades no Brasil e de se dizer catalão, Enrique Serra Padrós frisa que seu coração é uruguaio e que só se naturalizou brasileiro por necessidade profissional, para se inscrever em concursos.



FLÁVIO DUTRA/JU

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local